

# A TORRE DE BABEL: UMA ANÁLISE CONTEMPORÂNEA SOBRE O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO, URBANIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

Claudinei Grachekoski<sup>1</sup>

Fred R. Bornschein<sup>2</sup>

## RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar a perícopes de Gênesis 11.1-9 e comparar os resultados encontrados com a realidade da vida contemporânea. O procedimento metodológico adotado está limitado à pesquisa bibliográfica e a exegética, esta última a partir das dimensões espaço-temporal, teológica, sociocultural; psicossocial e a dimensão missional na narrativa. No plano de conteúdo foram consideradas as dimensões da ação encontrados na perícopes, estabelecendo uma relação entre os fenômenos contemporâneos como a comunicação, à urbanização e a globalização, e como eles estão relacionados com o episódio da construção da cidade e da Torre de Babel e o dia-a-dia das pessoas.

**Palavras-chaves:** Torre de Babel; Comunicação; Urbanização; Globalização.

## ABSTRACT:

This article has the proposal to analyzes the pericope of Genesis 11: 1-9 and compares the results found with the reality of a contemporary life. The methodological procedure adopted is limited to bibliographic and exegetical research. The contence was considered the dimensions of the action found in the perícopes, establishing a relationship between contemporary phenomena such as communication, urbanization and globalization, and how they are related to the episode of the construction of the city and the Tower of Babel and the people's day-to-day.

**Keywords:** Tower of Babel; communication; urbanization; Globalization.

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é examinar a perícopes de Gênesis 11:1-9 que retrata os acontecimentos relacionados com a construção da Torre de Babel, averiguando de que forma os princípios teológicos, socioculturais, psicossociais e missionais

---

<sup>1</sup> Pós graduando em Docência do Ensino Religioso – FABAPAR. Curitiba – PR. Graduado em Administração de Empresas – FESP. Curitiba – PR. Graduado em Teologia ênfase em Exegese no Grego e Hebraico - FABAPAR. Curitiba – PR. Contato: claudinei.grac@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrado em Teologia - PUC/PR. Curitiba – PR. Pós-Graduação Lato-Sensu de Estudos Avançados em Teologia e Bíblia - Faculdade Luterana de Teologia - São Bento do Sul/SC. Graduação em Teologia pela Faculdade Evangélica do Brasil - Londrina, PR. Professor da Faculdade teológica Betânia- FATEBE. Contato: frb372@gmail.com

subjacentes ao relato do texto se aplicam à nossa realidade. Nesta perspectiva serão analisados os acontecimentos ocorridos em Babel procurando descobrir se há correlação entre eles e os fenômenos atuais da comunicação, do urbanismo e da globalização e como eles nos auxiliam na interpretação da vida moderna.

A análise deste relato bíblico nos ajudará a observar como as intenções humanas podem conduzir a sociedade quando ela se une na busca de seus próprios interesses, desconsiderando a realidade divina, para realizar suas ambições.

Subjacente ao texto percebe-se como a comunicação contribui para o controle do seu semelhante. Este controle pode ser notado nos versos de um a quatro através das expressões “mesma língua e de uma mesma fala”, “disseram uns aos outros”, “Eia façamos” e “Eia edifiquemos”<sup>3</sup> e como a urbanização reflete a vontade do povo na construção de uma cidade que satisfaça os desejos do coração, agrupando-se para não serem espalhados e construindo desta forma um empreendimento consistente. A globalização demonstra como as ambições humanas podem ser realizadas através dos arranjos políticos, econômicos e religiosos em escala que atinja toda a sociedade.

Assim temos como pergunta norteadora da pesquisa: “Qual a relação que se percebe entre o texto de Genesis 11:1-9 e a vida contemporânea?”

## 2. A EXEGESE

O procedimento metodológico adotado limita-se a pesquisa bibliográfica e exegética. A abordagem utilizada será qualitativa na pesquisa e na coleta de material obedecendo ao processo de pesquisa bibliográfica e de exegese bíblica, visando à compreensão do texto, com enfoque no pensamento contemporâneo. Como proposta exegética discutiremos as dimensões espaço-temporal, teológica, sociocultural; psicossocial e a dimensão missional na narrativa, para refletir as trajetórias que o texto sofreu e de que forma ele contém uma mensagem para a

---

<sup>3</sup> E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. (**Gênesis 11:1-4, ACFI**)

atualidade. Os procedimentos utilizados foram desenvolvidos pela crítica-textual<sup>4</sup> e pela crítica genética que é uma das especialidades da exegese histórico-crítica<sup>5</sup>. Segmentando assim a perícópe de Gênesis 11:1-9 em três partes temos: a primeira é a ação humana versos de 1 a 4; a segunda é a ação Divina nos versos de 5 a 7 e a terceira é o resultado nos versos 8 a 9.

## **2.1 Tradução do texto**

O método de tradução inicia-se pela correspondência formal, que pretende traduzir o texto literalmente, usando dicionários, gramáticas, as edições interlineares, buscando na língua vernácula, em que foi escrita a perícópe, o sentido do texto. Isto porque “uma palavra não possui um significado individual, mas um conjunto de significados” (STUART e FEE, 2008, p. 64). A tradução literal de Genesis 11:1-9 será expressa em sua forma gramatical a partir do texto original em hebraico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia.

## **2.2 A dimensão espaço temporal da perícópe**

A preocupação deste campo é com os sinais intrínsecos contidos na perícópe, que revelam como as pessoas estão realizando e recebendo as ações no tempo e no espaço. Esta é a matéria prima e a base para a interpretação que será feita. “Toda ação é realizada por alguém e afeta outras pessoas, em um lugar qualquer e em um tempo qualquer.” (ZABATIERO, 2007, p. 50) O cuidado com o Vale de Sinar ou Babel deve ser com o sentido que eles assumem na perícópe para quem elabora o discurso e para quem recebe o texto a ser interpretado. De acordo com Zabatiero é importante descobrirmos o máximo possível de informação do texto. Buscando encontrar os princípios que não são afetados pelo tempo, mas implícitos no texto, aplicando a nossa realidade.

A narrativa de Babel produz o efeito da objetividade, quem lê pode sentir a cena narrada. A combinação dos verbos outorga dinamicidade aos eventos

---

<sup>4</sup> **Crítica textual:** procura achar a escrita mais próxima do original do texto

<sup>5</sup> **(Alta Crítica):** trabalha com a autenticidade do texto, a autoria do livro, data de composição, contexto histórico.

temporais que estão sendo narrados, estimulando o leitor a prestar atenção nos acontecimentos. O discurso mostra inicialmente que não havia barreiras linguísticas, deste modo foram levados a tomarem uma decisão conjunta de sair do lugar onde estavam estabelecidos, o Oriente e, partindo, encontraram uma planície na Terra de Sinar, uma região<sup>6</sup> que abrangia a Babilônia, e deliberadamente decidiram habitar nesse vale. Então se reuniram para fundar uma cidade e construir uma torre muito alta. Queriam que o topo desta torre chegasse ao céu. De acordo com Azevedo (2007, p.43) Há torres que resistiram ao tempo e são conhecidas como sendo a torre de Babel mencionada em Gênesis 11:1-9. Na construção da torre em vez de usarem pedra, fizeram tijolos queimados e usaram betume como argamassa para fixá-los, demonstrando, assim, a engenhosidade humana. Eles queriam com isso se fixar ao lugar, fazendo um nome para não serem espalhados pela terra. Esta pretensão de construir uma torre para chegar ao céu, foi uma expressão extremada do orgulho humano. De acordo com Azevedo (2007, p. 41) os zigurates eram na realidade templos, que representavam a morada dos deuses, uma feira de troca entre os homens e os deuses. “O Zigurate seria, pois, uma porta que, uma vez aberta, ligaria homens a deuses, tornando-os iguais;” (AZEVEDO, 2007, p. 45).

Deus percebe que a sociedade está caminhando na direção oposta a sua vontade. Assim decide impedir a construção, dispersando a raça. A dispersão foi à maneira que Deus usou para espalhar a raça e encaminhá-la para a tarefa primeira ordenada por Ele que era de dominar e encher a terra. O trabalho da torre foi suspenso temporariamente, mas foi reiniciado pelos que permaneceram na Babilônia. A torre (Zigurate) tornou-se o centro ao redor do qual foi construída a cidade da Babilônia. Esta torre tornou-se modelo para outras cidades babilônicas. O lugar se chamou Babel porque ali o Senhor confundiu a língua de todos e os espalhou para habitarem toda a terra.

---

<sup>6</sup> MESOPOTÂMIA: A Acádia na região alcançou seu cume de poder entre os séculos XX e XVIII a.C., antes da ascensão da Babilônia, além de representar o núcleo do reino de Nimrod na terra de Sinar. A língua acádia teve seu nome proveniente da própria Acádia, um reflexo do uso do termo akkadû ("da, ou pertencente à, Acádia") no antigo período babilônico antigo para designar as versões semíticas de textos sumérios. O vocábulo foi cunhado no século XXIII a.C.

O desenvolvimento da escrita cuneiforme pelos sumérios possibilitou o registro da primeira língua semítica da Antiguidade: a língua acadiana, que chegou a ser usada como língua internacional por todo o Oriente Médio.

## 2.2 A dimensão teológica da perícope

O texto é fruto dos conflitos e dos acordos discursivos de uma sociedade. De acordo com Zabatiero (2007, p. 64)

Quem escreve um texto, o faz para significar algo, para persuadir alguém a acreditar em algo, a sentir alguma coisa, ou a realizar alguma ação etc. É através dos sentidos do texto que percebemos a sua intencionalidade, aquilo que o texto quer que creiamos, sintamos ou façamos. (ZABATIERO, 2007, p. 64)

Assim é fundamental que encontremos as marcas das relações intertextuais, de como o texto faz uso de outros textos, a ele anteriores, ou contemporâneos e da interdiscursividade, ou seja, como o texto faz uso de discursos, a ele anteriores, ou contemporâneos. Deve-se observar que os discursos podem ser transmitidos por diferente planos de expressão, e que todo o conteúdo que se quer transmitir precisa receber uma forma concreta para que seja acolhido, por outras pessoas.

Uma das hipóteses sobre a motivação que levou a construção da torre de Babel, era a ideia de construir uma torre muito alta e postar acima dela um objeto de idolatria. Deste modo, todos que olhassem para os céus mesmo a distância, acabariam assimilando a ideia de que era a idolatria que controlava o que acontecia lá embaixo. De acordo com AZEVEDO eles “Preparam para tal uma morada acima do mundo dos homens, um aposento sagrado colocado no topo de uma torre com sete patamares [...]. A ele desceriam deuses e a ele subiriam homens, encontrando-se, por vezes representados num único ser (um rei ou um sacerdote divino).” (AZEVEDO, 2007, p. 43). Outra hipótese que motivou a construção da torre é de que os homens a edificaram para se prevenir no caso de ocorrer outro dilúvio, similar ao de Noé. Foi esse medo que fez com que construíssem uma alta torre que pudesse chegar até o céu e sustentá-lo como coluna para que o dilúvio não acontecesse novamente. Outra opinião, ainda, afirma que poderia ter sido construída para manter as pessoas num só lugar, desobedecendo à ordem de Deus de se espalhar por toda a terra.

As marcas intertextual e interdiscursiva permitem notar nesta perícope a presença de duas vozes discursivas a do narrador e a de Deus. O episódio mostra como surgiu à diversidade de línguas. A voz de Deus mostra como Ele está atento as ações humanas em todas as suas dimensões (física, espiritual e emocional). As

traduções bíblicas enfatizam diferentes relações intertextuais e algumas delas já trazem uma interpretação dessa relação.

Esta narrativa é uma explicação do porque houve as divisões de línguas e de como ela ocorreu. O versículo 1 nos conduz ao entendimento de que a terra possuía uma língua comum até a construção de Babel.<sup>7</sup> A perícopre revela a arrogância humana em sua forma de agir e como Deus exerceu o juízo sobre o povo. Para compreendermos a dimensão teológica da perícopre também precisamos compreender o estilo literário e as figuras de linguagem. O estilo literário é marcado pela repetição e paralelismo, que é o elemento formal da poesia hebraica, construído não pela rima, mas pelo pensamento lógico. Seu conteúdo é ordenado de maneira que espelhe bem a ação de cada participante, através do paralelismo antitético onde cada linha expressa pensamento oposto, seja por palavras ou por ideias. De acordo com Fokkelmann (1975, p. 22) O início e término produzem uma imagem que reflete o contraste entre os diálogos e as ações: (11:2-4) é dos trabalhadores a resolução e descrevem as ações humanas; (11:5-8) descrevem a ação e a resolução divina onde o Senhor transformou as ações humanas (começa com o contraste, "Mas o Senhor ..."). O equilíbrio dentro dessas seções apresenta muitos elementos que apoiam o arranjo antitético que pode ser observado. Por exemplo, o versículo 1 é oposto ao 9, o 2 com ao 8, e o 3 com ao 7. Essa estrutura literária tem como ponto central o verso 5, revelando qual é o conceito teológico mais importante a ser observado, "O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo".(Gênesis 11:5, NVI).

A disposição poética é evidenciada pela mecânica da escrita que é marcada pela forte aliteração, ou seja, a repetição de fonema(s) no início, meio ou fim de

---

<sup>7</sup> E o Senhor entregou Jeoaquim, rei de Judá, nas suas mãos, e também alguns dos utensílios do templo de Deus. Ele levou os utensílios para o templo do seu deus na terra de Sinear e os colocou na casa do tesouro do seu deus. (**Daniel 1:2, NVI**)

<sup>7</sup> Naquele dia o Senhor estenderá o braço pela segunda vez para reivindicar o remanescente do seu povo que for deixado na Assíria, no Egito, em Patros, na Etiópia, em Elão, em Sinear, em Hamate e nas ilhas do mar.(**Isaias 11:11, NVI**)

vocábulos próximos, ou mesmo distantes, dispostos simetricamente em uma ou mais frases, em um ou mais versos. De acordo com Ross;

O estilo literário da narrativa mostra um lado artístico ordenando o material de tal forma a espelhar as ideias do fundo babilônico da história, bem como a de contraste por meio de paralelismo antitético os participantes da história. Para tal arte literária, repetição e paralelismo são essenciais. (ROSS, *The Dispersion of the Nations in Genesis 11:1-9*, 1981, p. 120)<sup>8</sup>

O escritor reforça o significado das palavras (בלל "balal" "confundir" no verso 7) e (בלה "babel" no verso 9 "Babel") trocando os seus sons. Bergant confirma "Há trocadilhos entre as palavras hebraicas para 'Babel' e 'confusão', para 'nome' e 'lugar'. As pessoas buscavam conquistar um 'nome', mas 'ali', em 'Babel', o Senhor 'confundiu' a língua de toda a terra" (2001, p. 68).

## 2.2 A dimensão sócio cultural da perícópe

O texto revela que a comunidade se posiciona aprovando o discurso de fazer um nome e de não serem espalhados<sup>9</sup>. Toda ação é concebida com um fazer transformador. Partindo eles..., acharam..., produz transformações. Aparentemente, não se percebe o domínio do forte sobre o fraco, ou do homem sobre as mulheres, no entanto o discurso afetou profundamente a comunidade, pois eles partiram para o vale de Sinar e ali decidiram edificar uma cidade e uma torre<sup>10</sup>, que os uniria e daria a eles fama. A dominação é probabilidade de encontrar obediência dentro deste agrupamento para o exercício do poder. A ideia era concentrar, edificar uma cidade poderosa ao invés de obedecer à ordem divina de Gênesis 9:1<sup>11</sup>. Para Azevedo

---

<sup>8</sup> The literary style of the narrative shows an artistic hand ordering the material in such a way as to mirror the ideas from the Babylonian background of the story as well as to contrast by means of antithetical parallelism the participants in the story. To such literary art, repetition and parallelism are essential.

<sup>9</sup> E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Gênesis 11:1-4 (**Gênesis 11:1-4, ACF**)

<sup>10</sup> Nota: Localizada as margens do Eufrates Babel foi a antiga capital da Babilônia; "uma torre com o céu no topo" exprime orgulho dos primeiros edificadores de Zigurates, as colinas-templos artificiais da Suméria e da Babilônia

<sup>11</sup> E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. (**Gênesis 11:1, ACF**)

(2007, p. 44) o zigurate seria a porta que ligaria os homens e os deuses colocando-os na condição de igualdade. “Subir ao zigurate era estar com os deuses, ser como eles, ter seu conhecimento e poder”.

O texto proporciona uma compreensão das relações de poder que a sociedade humana daquele tempo estava exercendo. A sua potencialidade, sua proposta estratégica era de poder e independência da divindade.

### **2.3 A dimensão psicossocial da períclope**

Nesta fase serão observados os sujeitos da períclope em suas paixões ou estado de alma. Toda ação humana possui um componente passional. Os sentimentos não se restringem somente ao individual, mas também são uma realidade sociocultural, que é influenciada pelo contexto, pelas relações mantidas com outros indivíduos e instituições ou com os objetos de desejo. Os dois sujeitos presentes nesta narrativa são o Senhor e o ser humano: “toda a terra”. A identidade psicossocial do Senhor pode ser deduzida de suas ações. Suas emoções estão de acordo com Seu caráter moral. O texto nos revela a firmeza e zelo divino ao observar o que os homens estavam realizando. Deus decide transtornar a vida do homem para que este não fosse destruído novamente por causa do pecado.

Quando uns aos outros disseram: “vinde, façamos tijolos e queimemo-los”, o texto retrata o forte desejo de poder de um povo que se dispõem a executar uma obra a ponto de ultrapassar os limites dados por Deus. Observa-se a dimensão emocional e de sensibilidade da ação do povo, pois foi unânime o desejo de executar a obra da edificação da cidade e da torre. Mesmo em meio a anseios, inquietações e medos, o povo não se sentiu intimidado, o objetivo foi não se dispersarem e serem famosos, ou seja, o orgulho imperou em seus corações. Da parte de Deus, porém, houve a desaprovação aos acontecimentos e, como resultado, Deus resolveu confundir o povo com a língua e a dispersa-los por toda a superfície da terra.

O forte desejo do homem em alcançar a realização os levou a projetar a cidade e a torre. A união, a paixão com que eles se vincularam podia mostrar o seu entusiasmo, pois viam na cooperação de todos, uma admirável comunhão, mas Deus não aprovou. A humanidade não se uniu para fazer a vontade de Deus, mas



se uniu em rebelião e cooperaram uns com os outros buscando a glória humana, todavia tal atitude desagradou a Deus.

#### **2.4 A dimensão missional da perícope**

Devemos entender a palavra missional como ação que está aliada ao conhecimento da vontade de Deus em resposta ao seu próprio agir no mundo por ele criado, onde não se pode separar a teoria da prática. A resposta missional deve incluir tanto práticas quanto conhecimentos, ações e sentimentos, reflexão aliada à ação. A nossa ação é de reescrevermos o texto para a nossa realidade, para nosso contexto. Deve-se procurar fazer isso de forma integral, apropriando-se dos sentidos do texto em suas dimensões pragmáticas (do fazer), cognitiva (do saber) e patêmica (do sentir).

Pode-se enxergar nos dias atuais paralelos com o evento de Babel. A humanidade continua construindo suas torres através do poder aquisitivo, constroem com a intenção de deter o poder e obter notoriedade. O espírito de Babel objetiva exaltar o homem e despertar nele o desejo de dominar em seu próprio nome, e nessa ansiedade a pessoa é levada a eliminar os obstáculos. O impulso é “subir” e todos devotam suas energias à escalada das torres modernas para impressionar os outros. O mais indesejável resultado desse aspecto do processo social é sua capacidade para quebrar os princípios divinos objetivando controlar Deus. Mas Gênesis 11 mostra o preço pago pelos homens na realização de seu projeto de “subir” até Deus, obtiveram a mais profunda alienação da condição humana, e o maior isolamento como indivíduos. Onde a auto-suficiência induz ao juízo de Deus, pois, não há como fugir d’Ele, Ele sempre vem em juízo. Deus também diz: “Venham, desçamos e confundamos” (Gênesis 11:7, NVI).

### **3. A TORRE DE BABEL E A COMUNICAÇÃO**

A língua única facilitou em muito o progresso da construção. “A linguagem proposicional e, portanto, idiomática e simbólica é, sem dúvida, o nosso maior instrumento de comunicação e, em decorrência, de aquisição do conhecimento.” (BELTRÃO, *et al.*, 1986, p. 44). A perícope mostra que “toda terra” possuía a mesma língua, ou seja, usavam as mesmas palavras para se comunicar. Também

decidiram, de comum acordo, sair de onde estavam estabelecidos e acabaram por encontrar a terra de Sinar. Desta forma percebemos que a comunicação teve papel importante na sua organização e mobilização, para saírem e se estabelecerem na terra de Sinar e construir a cidade e a torre. As expressões “mesma língua e de uma mesma fala”, “disseram uns aos outros”, “Eia façamos” e “Eia edifiquemos”<sup>12</sup> evidenciam o papel da comunicação. Demonstrando a ambição humana pelo poder eles fundaram uma cidade.

Hoje, assim como em Babel, a comunicação assume papel importante na organização, e mobilização das pessoas em prol do projeto comum. Assim sendo, a importância da comunicação e do reflexo que ela exerce dentro do agrupamento humano, é reconhecida como elemento essencial para o exercício da liderança nos variados grupos sociais. “Não pairam dúvidas a respeito do relevo atribuído à comunicação pelas lideranças políticas das mais diversas organizações sociais.” (FUSER, 2008, p. 53)

A intenção que é percebida no agrupamento, mostra que o projeto desejado não pode ser desvinculado da comunicação efetiva.

“Por isso, sociedade e comunicação estão estritamente vinculadas, podendo determinar o estágio civilizatório de uma população ou de um agrupamento social pelos instrumentos e eficácia do sistema comunicacional vigente” (BELTRÃO, *et al.*, 1986, p. 21)

Através da comunicação eles transmitiram a paixão pelo projeto, pois toda ação humana possui um componente passional, demonstrando que a mensagem possuía elementos dinamizadores. “Para nós, os efeitos da Comunicação de Massa são o resultado manifesto da atividade psicossocial do receptor em decorrência de elementos dinamizadores contidos na mensagem” (BELTRÃO, *et al.*, 1986, p. 192).

A ação humana tanto em Babel como em nossos dias é concebida com um caráter transformador, caracterizado por ambição, cobiça, poder, que é algo que se pode esperar das paixões humanas. Assim diante das aflições e inseguranças eles

---

<sup>12</sup> E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. (**Gênesis 11:1-4, ACF**)

se organizam e estão dispostos a construir algo que seja capaz de satisfazer suas ambições, e amenizar seus medos.

Nosso conceito de efeitos implica em admitir que não há comunicação desinteressada. Quando emitimos mensagens (e com maior razão o Comunicador de Massa), visamos sempre a retirar nosso interlocutor de um estado que consideramos de inércia para o nosso propósito e levá-lo a outro, propicio ao nosso intuito.” (BELTRÃO, *et al.*, 1986, p. 192).

A confusão das línguas presente no episódio de Babel pode ser vista na sociedade atual quando mesmo dentro do grupo de pessoas próximas temos a dificuldade de entender e sermos entendidos.

É interessante observar que o mesmo enunciado, a mesma história, a mesma dinâmica tem resultados variados de grupo para grupo. Essa verdade pode ser explicada a partir da nossa condição humana de expressar-nos e compreender o que vemos e ouvimos sempre a partir da nossa realidade. (WITT, *et al.*, 2008, p. 50)

Vemos claramente na afirmação de Witt:

[...] para sugerir a ideia de que, em toda conversa, há bem mais sentidos envolvidos do que os próprios integrantes da conversa podem supor, imaginar e, mais ainda, dominar ou compreender. Babel não é uma questão de incompreensão entre povos e línguas e culturas diferentes. As barreiras de comunicação existem também de forma muito mais acentuada, [...] dentro de cada grupo que se reúne para conversar, por mais unidos que sejam os e as integrantes do grupo e por mais conhecidas que sejam as linguagens utilizadas para a comunicação. (WITT, *et al.*, 2008, p. 50)

A realidade presente no texto retrata o desejo de um povo em se dispor a executar uma obra a ponto de ultrapassar os limites dados por Deus. A sociedade contemporânea também tem caminhado nesta direção, e a comunicação é a ferramenta para disseminar o desejo contido no coração para que a humanidade vá em direção contrária a vontade de Deus. O texto expressa através dos seguintes verbos, “vamos”, “partiram”, “acharam”, a intencionalidade dos seres humanos, onde eles procuram comunicar que “tem” competência para realizar o projeto de construção.

#### **4. A TORRE DE BABEL E A URBANIZAÇÃO**

A urbanização é o espaço articulado que reflete a condicionante social que se materializa nas formas espaciais. Quando eles encontraram o Vale de Sinar e decidiram construir a torre iniciando um processo de urbanização, transformando o espaço rural em espaço urbano, onde se pode associar aos modelos de

desenvolvimento da civilização e da tecnologia. A cidade se caracteriza por um estilo de vida particular dos seus habitantes, pela urbanização, pela concentração de atividades. Diante de uma abordagem psicológica, podemos observar as transformações produzidas no comportamento, na maneira de pensar e de sentir dos seus moradores. Para Silva (2009, p. 45) “a grande concentração de indivíduos em um mesmo espaço urbano, regidos por uma lógica muito particular, produz um conjunto de efeitos que alteram significativamente nossa maneira de agir, de pensar e de sentir”.

Combinaram que, em vez de usarem pedras, usariam tijolos e betume como argamassa na construção, demonstrando toda a engenhosidade humana. “Os babilônios encontravam-se num elevado estágio tecnológico para o seu tempo e construíram de maneira magnífica.” (LEONARD, 1987, p. 86). As ações de fazer tijolos e construir a cidade tendem a mapear as interpretações da cidade. Eles queriam obter a segurança, esse sentimento é produzido pela certeza de viver no marco de uma ordem legal pré-estabelecida. A união, a paixão com que eles se vincularam demonstrava o entusiasmo, a cooperação deles, a unidade. “A maneira como a cidade é construída influencia também as relações sociais entre seus habitantes e a cultura que se desenvolve no meio urbano.” (SILVA, 2009, p. 33)

O episódio de Babel revela o conjunto de modificações ocorridas o que levou a uma série de conflitos, colocando a sociedade como um problema a ser estudado e resolvido. O resultado da confusão que ocorreu em Babel é percebido até hoje de acordo com Silva (2009, p. 82) no fato de que, “quanto maior o número de indivíduos participando de um processo de interação, tanto maior a diferenciação potencial entre eles e tais variações dão origem à separação espacial entre os indivíduos. Esse processo entre eles leva ao afrouxamento dos laços dos grupos primários ou comunitários”.

A cidade, para Wirth, tal como para Simmel, é palco de forças contraditórias. A liberdade e autonomia são conquistadas em detrimento de vínculos mais fortes com os diversos grupos sociais. A participação na vida coletiva é dificultada por essa fragmentação, pela multiplicidade de papéis sociais assumidos pelos indivíduos (SILVA, 2009, p. 88).

A cidade deve ser vista como um espaço social, como conjunto das relações sociais que ocorrem dentro de um espaço geográfico, sendo essas relações que dão

forma ao espaço físico. “A cidade, como obra humana, apresenta muitas ambiguidades. De um lado, se constitui num centro de cultura e de tecnologia e, de outro lado, modifica as condições de vida e de trabalho, não sempre no sentido mais humano.” (GRINGS, 2004, p. 51).

Hoje se fala na aldeia global, em metrópole mundial. Onde as grandes metrópoles tornam-se centros nervosos da atividade econômico-financeira e política. O “mundo” é uma espécie de espaço unificado onde podemos estar ao mesmo tempo em vários lugares. Temos um espaço comprimido e unificado.

## **5. A TORRE DE BABEL E A GLOBALIZAÇÃO**

O relato da construção da Torre de Babel sustenta que em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar (Gênesis 11:1). Assim não havia nenhuma dificuldade de comunicação. O sistema uniforme de signos não só permitia a integração da comunidade em torno de uma única cultura, como também proporcionava unidade de propósito (não serem espalhados por toda a terra) em oposição à ordem divina de multiplicarem-se e encherem a terra<sup>13</sup>. Assim eles lançando mão de todo o aparato tecnológico disponível, utilizando tijolos em vez de pedra e betume para assentá-los, empregando todos os meios para atingir os níveis mais altos de reconhecimento e realização, estavam construindo uma cidade sob o prisma do orgulho e vaidade humana.

A globalização deve ser entendida como um conjunto de transformações que provoca a integração global criando pontos em comum na direção da sociedade, da economia, da cultura e da política, tornando o mundo cada vez mais interligado. A iniciativa de partir em busca de algo que satisfizesse o desejo do coração, levou-os a encontrarem um local para edificar a cidade e a torre, fazendo uso das tecnologias disponíveis na época apresentando competência para fazer. Eles sabiam exatamente o que queriam. “E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e

---

<sup>13</sup> “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.” (Gênesis 1.28; ACF) e “E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra” (Genesis 9:1; ACF)

queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal.” (Gênesis 11:3, ACF)

A linguagem como um sistema de signos concede à comunicação a possibilidade de criar uma comunidade globalizada que é compreendida por todos. “Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer” (Gênesis 11:6, ACF)

É possível perceber que quanto mais globalizadas as nações se tornam, mais preocupadas com a segurança ficam, o que provoca nas lideranças mundiais a busca por segurança. A segurança também foi motivo de preocupação para os construtores da antiga Babel. A principal ideia que o projeto revela é a exaltação da engenhosidade e capacidade humana na construção da cidade e da torre. O intuito era criar uma idolatria global, pois estavam dispostos a rejeitar a ordem divina de crescer e encher a terra.

Assim como a construção da cidade e da Torre de Babel a globalização veio como solução para as mazelas e medos da humanidade. Todos se uniram para encontrar a paz, acreditando que as realizações humanas seriam suficientes para atingir esse objetivo. Nesse empreendimento humano eles queriam dominar a situação, criando uma estrutura na qual eles controlariam a divindade.

O discurso da globalização aponta para o fatalismo e as incertezas, que produzem o sentimento de estarmos à deriva. O efeito causado por esta visão é a aceitação passiva e perversa deste caminho, onde os valores políticos, culturais e sociais são impostos por uma minoria que produzem um afrouxamento nos valores individuais. Para Cenisk (2005, p. 3) tem-se a impressão de se estar em condição de desafiar os princípios estabelecidos por Deus, dando a sensação de que se pode desafiá-lo. A humanidade continua responsável pela criação da Torre de Babel em nossa era globalizada. A afirmação se sustenta no consenso hegemônico que é exercido pelas minorias dominantes, na condução da sociedade na direção almejada.

É possível perceber a interdependência, pois todos estavam dispostos a fazer todos os esforços para a realização do projeto, perdendo assim autonomia em prol do todo. “A ideia central do globalismo é que, na globalização, os Estados-nações se

tornam mais interdependentes, perdem autonomia para implantar políticas e, conseqüentemente, perdem importância” (PEREIRA, 2009, p. 34).

As relações presentes no episódio da torre de Babel demonstram que havia arranjos políticos e econômicos, pois eles se uniram para construir a cidade e a torre, e estavam dispostos a construir, como um só homem, evidenciando aspectos da globalização.

Para Cesnik (2005, p. 10) a globalização depende da eficiência dos arranjos econômicos e políticos. Podemos entender a globalização como processo que integra pessoas e países ao sistema econômico e social. Esse processo facilita a troca de ideias, as operações financeiras e comerciais, e também divulgam os aspectos culturais aos quatro cantos da terra. Esta rede de conexão permite que as distâncias sejam encurtadas cada vez mais.

Em Babel, pelo fato de se reunirem para fundar uma cidade e construir uma torre muito alta, queriam que o topo dela atingisse o céu, o céu do desempenho humano e das suas emoções, podemos concluir que o desprendimento e a abnegação estavam presentes, pois eles estavam dispostos a abrir mão de seus próprios interesses em proveito do grupo, para realizar o projeto audacioso. “O essencial do empreendimento todo é a idéia de construir uma torre que alcance o céu. Ao lado dela tudo o mais é secundário. Uma vez apreendida na sua grandeza, essa idéia não pode mais desaparecer; enquanto existirem homens, existirá também o forte desejo de construir a torre até o fim” (IANNI, 2007, p. 22).

O objeto de valor buscado pelas pessoas na narrativa era fazer um nome e não serem espalhados. Num primeiro momento esta motivação traz a idéia de unidade, mas ao se aprofundar no sentido do texto, nota-se que a sua busca era, também, por poder e influência. A partir deste texto, podemos perceber que a comunidade se posiciona aprovando o discurso de fazer um nome e não serem espalhados. Aparentemente não se encontra o domínio do forte sobre o fraco, ou do homem sobre a mulher, no entanto o discurso afetou profundamente a comunidade, pois eles partiram para o vale de Sinar e ali decidiram edificar uma cidade e uma torre, que os uniria e daria a eles fama. A sujeição seria a sua unidade para exercer o poder. A ideia era concentrar, edificar grupos uma cidade influente ao invés de

obedecer à ordem divina de Gênesis 9:1<sup>14</sup>. No pensamento de Cenisk (2005, p. 3) na globalização a informação acaba por manipular o pensamento, produzindo a sensação de que o mundo está ao alcance de todos os desejos. “O mundo cada vez mais existe como um horizonte global no qual, em diferentes graus, moldamos nossa existência” (CESNIK, *et al.*, 2005, p. 12).

A globalização atua em duas vertentes: uma para alimentar as atividades de troca das produções tradicionais, a outra proclama a quebra dos vínculos territoriais. Percebemos que havia entre eles uma cultura estabelecida, eles tinham a mesma língua e estavam organizados, o que permitia a conexão entre eles, promovendo o diálogo que os conduziu para além da vontade divina, de crescer e encher a terra<sup>15</sup>.

Encontramos no versículo 3 a exortação, “façamos tijolos” (tradução literal, “vamos tijolo tijolos”). Imediatamente, segue-se uma segunda exortação “vamos gravá-los duros” (tradução literal, “vamos queimá-las para a queima”). Uma das marcas da globalização de acordo com Cesnik (2005, p.19) é que ela é marcada pela inovação tecnológica, a preparação e a divulgação das informações.

Nesse sentido, vive-se hoje algo parecido ao que se chama ‘proximidade global’, que é um contexto ao qual, cada vez mais, se moldam as relações sociais e a existência das pessoas, em que distintas ordens de ação social se relacionam simultaneamente (mas em graus e com competências distintas): individual, das sociedades nacionais, sistema mundial de sociedades e humanidade.

A empreitada que eles decidiram realizar também estava relacionada com a incompletude que habita cada ser humano, onde todos têm uma “eterna” insatisfação com o que possuem e com o que são, cultivando em sua existência desejos que não se concretizam, expectativas não satisfeitas, aspirações não alcançadas, fatores que produzem o sentimento de frustração.

Na era da globalização, o medo tornou-se o grande protagonista dos eventos diários em jornais e televisões onde as manchetes mostram a realidade das ruas,

---

<sup>14</sup> E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra. (BÍBLIA, A.T. Gênesis 9:1, ACF)

<sup>15</sup> E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. (BÍBLIA, A.T. Gênesis 1:28, ACF)



dos países. O homem pode ser visto como a criatura mais medrosa, porque além do medo dos predadores, dos membros hostis do grupo pode-se acrescentar o medo que é oferecido pelo seu próprio intelecto. “O medo nos seres humanos evoluiu para além de sua missão tradicional, ou seja, a de prever e evitar a dor física.” (CICERI, 2004, p. 135).

Este empreendimento humano despertou a sanção divina e, como juízo, veio à confusão da linguagem. Até esse momento não se percebeu nenhuma barreira seja ela cultural ou política. O texto afirma: “Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem” (Gênesis 11:6, ACF). Uma das marcas do processo de globalização está relacionado com a expansão e desenvolvimento de novas tecnologias e com a velocidade com que as informações são transmitidas de forma cada vez mais eficiente. Esses avanços tecnológicos no campo da comunicação, vem produzindo a integração entre os povos, transpondo barreiras políticas, geográficas e culturais, produzindo uma unidade global.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com as considerações e apontamentos elencados confrontou-se o discurso de Genesis 11:1-9 com os discursos da vida contemporânea. Na sociedade contemporânea encontram-se indivíduos que são materialistas e consumistas, que tem suas vidas associadas ao bem material e a ascensão social. A comunicação, a urbanização e a globalização, analisadas pela pesquisa, descrevem como estes fenômenos afetaram a sociedade de Babel e como eles afetam também a sociedade contemporânea.

É possível ver que a ação humana tanto em Babel como nos dias atuais é concebida com um caráter transformador, caracterizado pela ambição, cobiça, poder, ingredientes presentes nas paixões humanas. A disposição é executar uma obra que ultrapasse os limites dados por Deus, caminho que a sociedade contemporânea tem trilhado também, onde a comunicação é a ferramenta para disseminar o desejo contido no coração do homem.

A urbanização afetou o comportamento, a maneira de pensar e de sentir dos indivíduos, fenômeno presente no texto, mas também presentes na vida contemporânea. A cidade molda no seu dia a dia o indivíduo, produzindo uma

mentalidade que produz os correspondentes hábitos e cria o gosto pela realidade em que se vive. E a globalização veio como solução para as mazelas da humanidade, todos se unindo em busca da paz, acreditando que suas realizações seriam capazes para atingir esse objetivo. Assim como em Babel ela está presente hoje e, como sinal, encontramos os arranjos políticos e econômicos, elementos que mobilizam as pessoas a se unirem para executar o projeto como se fosse um só homem. Vê-se, assim uma força que engendra a massificação e a despersonalização.

Cada geração tem a sua própria Torre de Babel, que contraria os planos de Deus, querendo ocupar o lugar que é de Deus fazendo o que nossos corações desejam e como resultado a confusão instala-se em nosso meio. Verifica-se como a atração dos homens pela grandiosidade, é uma doença incurável. Quando os homens elaboram projetos ambiciosos em tamanho e com a intenção de ganharem a fama, pode-se chamar isso de babelismo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Pedro. **O Zigurate**. 2007.

BELTRÃO, Luiz e QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa**. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1986.

BERGANT, Dianne e KARRIS, Robert J. **Comentário Bíblico**. 3ª. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CESNIK, Fábio de Sá e BELTRAME, Priscila Akemi. **Globalização da Cultura**. Barueri: Manole, 2005.

CICERI, Maria Rita. 2004. **O Medo: lutar ou fugir? : as muitas estratégias de um mecanismo de defesa instintivo**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

FOKKELMANN, J. P. **Narrative In Genesis**. Amestradan: Van Gorcum, 1975.

FUSER, Bruno. **Comunicação para a Cidadania: caminhos e impasses**. Rio de Janeiro: E Papers, 2008.

GRINGS, Dadeus. **A Evangelização da Cidade: o Apostolado Urbano**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 261.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LEONARD, George. **Educação e Êxtase**. São Paulo:Summus Editorial, 1987.

PEREIRA, Luiz C. Bresser. **Globalização e Competição: por que alguns países emergentes têm sucesso e outros não**. Rio de Janeiro:Elsevier, 2009.

ROSS, Allen P.**The Dispersion of the Nations in Genesis 11:1-9**. Dallas TheologicalSeminary, Bibliotheca Sacra, 1981.

SILVA, Angelo. **Sociologia Urbana**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

STUART, Douglas e FEE, Gordon D. **Manual de Exegese Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

WITT, Maria Dirlane e PONICK, Edson. **Dinâmicas para o Ensino Religioso**. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 88.

ZABATIERO, Julio. **Manual de Exegese**. São Paulo:Hagnos, 2007.